VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

# UM ESTUDO BIOGRÁFICO SOBRE O DOUTOR MARTÍN DE AZPILCUETA NAVARRO

Rafaela Franklin da Silva Lira*



Este artigo tem por objetivo apresentar alguns aspectos da vida e obras de Martín de Azpilcueta Navarro, com ênfase no Manual de Confessores e Penitentes de 1560. Doutor Azpilcueta foi eclesiástico e desenvolveu uma carreira científica e literária, tornando-se um dos intelectuais mais influentes de sua época. Professor na Universidade de Coimbra e Salamanca orientou principalmente os membros da Companhia de Jesus muitos dos quais foram seus alunos e utilizaram suas obras como um guia para auxiliar na catequese e conversão no novo mundo. O Manual de Confessores é um livro de orientação e esclarecimento sobre dúvidas do pecado e arrependimento, tanto para os fiéis quanto para os padres, a relação do inventário do Bispo Tómas da Encarnação aponta para sua presença na capitania de Pernambuco. A partir de uma abordagem sociocultural procuramos analisar a cultura barroca através do manual e descrever sua utilização por meio das práticas jesuíticas e do imaginário que permeava a sociedade. Empregamos o conceito de representação e Roger Chartier como também o método indiciário de Carlo Ginzburg.

* Mestranda pelo programa de pós-graduação em História da UFRPE. Pesquisa financiada pela Facepe. E-mail: rafa.franklin01@gmail.com

ISBN: 978-85-98711-10-2

Ao longo do século XV e mais amplamente no XVI os reinos ibéricos, Portugal e Espanha, se consolidaram enquanto estados modernos e burocráticos, ampliaram as atividades econômicas e expandiram a malha administrativa com a inserção de novos grupos nas cortes[1]. Além disso, aumentaram consideravelmente os contatos e as trocas culturais possibilitadas pelos intercâmbios de docentes e discentes nos espaços educacionais.

A circulação de estudantes e intelectuais entre as universidades de Salamanca e Coimbra nos mostra que os contatos estabelecidos se iniciaram muito antes da união ibérica, outro fator também contribuiu para a aproximação, os casamentos. Eram realizados entre os membros das cortes e Coroas e proporcionaram uma relação de parentesco e solidariedade entre Madrid e Lisboa. Ana Paula Lourenço, em sua pesquisa sobre os matrimônios, afirma que o casamento não promovia apenas a união dos monarcas, pois a rainha, por exemplo, levava consigo um número de membros de sua corte para acompanhá-la em sua nova moradia: eram os chamados séquitos da rainha e casas da rainha. Apesar dessas uniões gerarem bons espaços para acordos políticos e negócios, os grupos pertencentes às camadas mais baixas não demonstravam satisfação ou interesse no enlace matrimonial, pois acreditavam que de certa forma essa prática ameaçava a independência portuguesa.



Apesar dessa rejeição, os intelectuais continuaram a transitar nos centros acadêmicos, sobretudo, durante o reinado de D. João III que ampliou os investimentos sobre a educação de caráter humanista. Ele fundou o colégio das artes em Lisboa no ano de 1548 e transferiu a Universidade de Lisboa para Coimbra em 1537, convidou intelectuais do período para lecionarem em ambas as instituições, dentre eles destacamos Martín de Azpilcueta Navarro e George Buchanan. As universidades foram centros destinados ao florescimento das ciências e das artes, estiveram presentes na maioria das cortes européias influenciando os campos políticos e econômicos. Apesar da importância, Diogo Curto nos mostra que alguns grupos de Portugal discutiam a possibilidade de desativar dos estudos gerais de Coimbra e enviar os estudantes para os centros vizinhos, assim seria possível economizar recursos para fins militares. Estes

[1] MONTEIRO, Nuno Gonçalo. **O 'ethos' nobiliárquico no final antigo regime**: poder simbólico, império e imaginário social. Almanack braziliense n° 2, p. 5, Nov. 2005.

ISBN: 978-85-98711-10-2

espaços ao mesmo tempo que preservavam os grupos dominantes promoveram a ascensão de outros, sobretudos de nobres sem heranças ou filhos de homens enriquecidos, no geral comerciantes. [2] Além destes, lavradores e plebeus tiveram durante governo de D. João III a oportunidade para ingressar na Universidade devido as políticas de incentivo as letras que até então não se vira em monarca anterior. Apesar da formação de estudantes em Salamanca ter sido uma prática corrente desde a Idade Média, o rei também facilitou a ida de portugueses a outras Universidades como a de Bolonha, na Itália e Toulouse na França, como podemos observar no caso de Henrique Caiado e Damião de Góis

Devido a circulação destes intelectuais e de textos estrangeiros durante o século XVI se desenvolveu no campo artístico e literário o renascimento ibérico, que além da mistura de elementos medievais e modernos também recebeu influência das obras clássicas. Essas características marcam um período denominado humanismo e segundo Rogéria Santos *"este humanismo baseado na experiência humana, na mudança da relação do homem com o Mundo, não procura simplesmente a imitação dos antigos. Ao contrário, se volta para o futuro e fundamenta o antropocentrismo típico do humanismo"*[3].



Segundo Antonio Mendes dois fatores contribuíram para a entrada do humanismo em Portugal, o primeiro está relacionado ao *studia humanitatis,* que consistia em uma formação de leituras com base na imitação de autores greco-romanos e o segundo baseava-se na relação do homem com a natureza e o cosmos[4]. Além de Mendes, Ramalho aponta outra razão: a chegada do siciliano Cataldo Parísio Sículo em Portugal, que foi responsável por ensinar a Jorge, filho bastardo de D. João II em 1485.[5]. Segundo o autor, a valorização dos textos gregos e a crítica textual foram fortes características presente no humanismo. Em sua formação apreciavam a valorização da retórica, poesia, filosofia moral e, sobretudo a gramática.

---

[2] Mattoso p. 483.

[3] SANTOS, Rogéria. **Humanismo em Portugal e sua influência na formação de Francisco de Holanda**. Revista tempo de conquista. N°7 p.6

[4] Mendes, António Rosa. A vida cultural. In José Matosso (org.) **História de Portugal**: no alvorecer da modernidade. Lisboa Editorial Estampa, s/d. p. 375

[5] RAMALHO, Américo da Costa. Para a História do Humanismo em Portugal. Lisboa, Imprensa nacional casa da moeda. 1998 p. 16. V. 3.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Além destes textos, as obras doutrinárias continuaram a ser produzidas, e de maneira mais intensa os confessionais, ao longo do século XVI. Desde a Idade Média eram elaboradas obras com caráter disciplinador que ofereciam instruções, sobretudo, voltadas para a confissão. No início da modernidade era possível encontrar esses textos abordando diversas temáticas, como educação para meninos, meninas, esposas entre outros. Tomamos por exemplo os manuais de conduta para os príncipes, neles são freqüentes alusões aos governantes de vastos impérios e reinos como Aníbal, Alexandre o grande, Carlos Magno e Júlio César que serviam de exemplo e inspiração ao novos monarcas.

Para auxiliar na manutenção do comportamento dos fiéis foram criados uma série de manuais que serviam de guia para orientação própria como também para instrução de terceiros, no caso dos textos destinados a educação infantil. Disseminavam a pratica de exercícios rígidos de caráter formador, que se cumpridos, desenvolveriam uma boa moral. Se fizeram presentes em diversos campos: social, religioso, educativo, sexual, entre outros. As atividades estabelecidas nesses manuais eram justificadas como diretamente envolvidas com o espírito imortal de seus praticantes, acreditava-se que ele estava dissociado da matéria corporal, portanto deveria está protegido contra os atos imorais[6]. Suas leituras sugeriam a padronização de comportamentos, que por se vez se evidenciavam nas representações coletivas.



Dentre inúmeras produções de manuais destacamos o *Manual de Confessores e Penitentes* de Martín de Azpilcueta Navarro publicado em 1560. Martín nasceu em Azpilcueta no reino de Navarra em 1492 e descende de família nobre. Aos nove anos recebeu a primeira tosura, a partir de então dedicou-se a construir uma vida eclesiatica, pois percebia forte vocação para a atividades religiosas. Estudou teologia na Universidade de Alcalá e pouco depois continuou sua formação na França, onde tornou-se doutor em Cânone, deu início ao ensino nas universidades de Toulouse e Cahors. Em 1524, retorna a Espanha onde trabalha como professor na univeridade de Salamanca. Mais tarde, em 1538 se transferiu para Coimbra conviadado pelo rei D. João III para lecionar na Universidade portuguesa, lá exerceu o ofício até 1554, durante este período

[6] PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e de. ***Apontamentos para a Educação de Hum Menino Nobre.*** Lisboa Occidental, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734.

ISBN: 978-85-98711-10-2

foi uma das figuras mais respeitadas e de maior prestígio não apenas em Portugal, segundo Américo Ramanlho escandalosamente bem pago em relação ao seus colegas. O autor também destaca o famoso discurso proferido por João Fernandes realizado de 17 de julho de 1548,

> Este é o famoso **N**avarro de cujo o nome, glória, erudição está cheio tudo quanto das letras recebeu lustre. Nem a França cuja Tolosa de grande préstigo ele ensinou, nem Alcalá onde aprendeu filosofia e teologia, nem Salamanca que em muitos anos exornou de miríades de discípulos, nem finalmente Coimbra que tem instruído durante cerca de 12 anos, nenhum lugar, nenhum canto em que os homem deixem o seu rastro, calará o teu nome o Navarro, glória eminente da letras e da santidade. Não compra o silêncio, quem apresenta os livros (libros) e filhos (líberos). Proclamam livros, proclamam filhos, que o navarro está na terra para o bem da humanidade, não só como cultor de estudos, mas também como mecenas de estudiosos de tal modo tudo quanto tem, está ao dispor de todos. Alias para dizer de ti algo de novo fazer-te o elogio, seja este o teu título de honra mais verdadeiro: Navarro consagrou o direito canônico[7]

Percebemos através dessas palavras a importância conferida a Navarro e seu trabalho pelos intelectuais e autoridades portuguesas, seu reconhecimento também se dava nas principais universidades da Europa neste período. Além dos ensinamentos sobre direito canônico ele promoveu mudanças no sistema de eleição de professores, realizado até então através da votação dos estudantes, pois percebeu a rejeição desse grupo aos docentes estrangeiros.[8]



Os manuais de confessores ganharam impulso no século XVI, isto se deve ao fato da confissão adquirir a concepção de sacramento a partir de Concílio de Trento (1545-1563), apesar da obrigatoriedade anual proclamada desde o IV Concílio de Latrão em 1215. A partir de então ela passou a ser apresentada como um direito divino, há muito a Igreja buscava uma justificativa bíblica para tornar a prática uma realidade assídua. Além disso, o padre que anteriormente pouco contribuía nesse processo passou a ser o intermediário entre o pecador e Deus, ganhando um papel fundamental para salvação.

---

[7] RAMALHO, Américo da Costa. **Para a História do Humanismo em Portugal**. Lisboa, Imprensa nacional casa da moeda. 1998. p.61 . V. 1.

[8] FERNÁNDEZ, Rafael Pardo. **Martín de Azpilcueta y su época**. Pamplona, Gobierno de Navarra, 2011. p.118.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Após torna-se obrigatória, a confissão ganhou espaço nos manuais com o objetivo de instruir os padres e os fiéis com relação aos diversos tipos de pecados. Os confessionais, também chamados os tratados com esta temática, em geral traziam descrições sobre dos sete pecados capitais, dez mandamentos e sacramentos. Não havia ainda uma separação nítida entre o crime e o pecado, eram colocados sobre o mesmo peso o adultério, a sodomia, o estupro, entre outros, também pouco se diferenciava o pecado praticado da intenção ou pensamento. Porém a condição social do acusado e da vítima interferia na pena que se aplicava ao pecador, agravando-se se este estivesse em uma camada inferior.[9]

Navarro declara que seu manual de confessores consiste em um texto que,

> em ho qual breue & particular & muy verdadeyramente se decidem & declarã quasi todas as duuidas & casos que nas confissões soe[m] occorrer acerca dos peccados, absoluições, restituyções & censuras / compostoi por hu[m] religioso da ordem de Sam Francisco da prouincia da piedade... Coimbra[10].



Uma caracteristica específica deste manual com relação aos demais que abordam ao mesmo tema é que o autor não enfatizava a necessidade de descrição detalhada do pecado por parte do confessor, mas a quantidade de vezes que foi realizado. Segundo ele também há de se ter atenção no momento da elaboração da pergunta, para assim obter o relato preciso[11],

> (...) que em os peccados da carne nam deça muyto aas circunstancias particulares, preguntandoas meudamente. Porque nam provoque com isso a si, & ao penitente a deleytacam. (...) Porem quando perguntar da poluçam voluntária, & extraordinária, ou da fornicação, nam pergunte pólo modo com que a fez. Porque basta dizerlhe quantas vezes cometeo este pecado, & o que he necessario pêra conhecer a casta &

---

[9] ALMEIDA, Ângela Mendes. ***O gosto do Pecado***: casamento e sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII. 2° ed. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rocco, 1993. p. 69.

[10] NAVARRO, Martin Azpilcueta. **Manual de Confessores & Penitentes**[....].Composto por ho muito resoluto e celebrado Doutor Martin Azpilcueta Navarro. Impresso em Coimbra por João de Barreyra, 1560.

[11] Segundo Ângela Almeida era comum a prática de perguntas detalhistas e francas que acabavam por excitar o confessor oferecendo informações por vezes desconhecidas ou não praticadas por ele. Ver ALMEIDA, Ângela Mendes. ***O gosto do Pecado***: casamento e sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII. 2° ed. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> espécie do peccado, sem mais descender a suas torpes circunstancias[12].

Inicialmente são descritas as três partes da penitência: contrição, confissão e satisfação. A Confissão é a declaração legitima dos pecados diante de sacerdotes com esperança de perdão seguida pela remissão dos pecados. São freqüentes no texto analogias, por exemplo, a comparação do pecador a um doente, pois alma após o pecado está em fermo, como por comer ou beber demais. Por isso a necessidade de se confessar para despoluir o corpo e mente. O confessor, portanto teria a função semelhante a de um médico, que se propõe a cuidar da alma. São feitas algumas referências a passagens bíblicas que exemplificam a necessidade de se confessar, como observamos na parábola do filho pródigo que precisou declarar seu pecado ao pai após arrepender-se e o ladrão crucificado ao lado de Jesus Cristo que o reconheceu como filho de Deus. Ambos alcançaram a graça após assumirem a condição de pecador. Segundo Navarro, o confessor é obrigado a perguntar ao penitente, com autoridade deve questionar sobre o que ainda não sabe, pois dessa maneira o penitente revelará o ato cometido contra Deus ou contra si mesmo, como no caso do pecado da carne. Navarro aponta a existência de alguns pecados mortais como a soberba e a vã glória, além de outros relacionados aos dez mandamentos.



Esta obra fez parte do contexto da contra-reforma, norteou os jesuítas na Península Ibérica como também foi enviada a América Portuguesa como consta na relação do inventário do bispo de Pernambuco D. Tomás da Encarnação Costa e Lima[13], dessa forma suas orientações estiveram presentes nos primórdios da ação catequética e introduziram através dos clérigos a doutrina cristã e em especial a prática da confissão. Muitos jesuítas foram seus alunos, e se utilizaram de suas obras como um guia para auxiliar na catequese e conversão no novo mundo[14]. Dentre eles podemos destacar o Padre Manuel da Nóbrega que veio na primeira missão jesuítica acompanhado do

---

[12] NAVARRO, Martin Azpilcueta. **Manual de Confessores & Penitentes[....].**Composto por ho muito resoluto e celebrado Doutor Martin Azpilcueta Navarro. Impresso em Coimbra por João de Barreyra, 1560, cap.V.

[13] Arquivo Histórico Ultramarino. Caixa 151, documento 10974, 1784.

[14] Um dos alunos de Navarro foi o padre Manuel da Nóbrega que estudou na Universidade de Coimbra. Cf. LEITE, Serafim. **Um breve itinerário para uma biografia do padre Manuel da Nóbrega.** Brotréria, 1955. p. 28.

ISBN: 978-85-98711-10-2

sobrinho de Martín, João de Azpilcueta Navarro. Segundo Nóbrega um excelente professor conforme revelou nas cartas enviadas ao antigo mestre que permanecera em Coimbra.

Com a utilização dos manuais de comportamento algumas características próprias da sociedade ibérica se reproduziram no mundo colonial, com suas devidas adaptações, como as procissões e rituais funerários, além de hábitos da etiqueta[15].

A produção de manuais de comportamento foi uma das maneiras encontradas pela Igreja Católica, que vinha perdendo fiéis devido a Reforma Protestante na Europa no século XVI, para evitar novas perdas e gerir com mais ênfase a sociedade. Por essa razão os manuais se portavam com um instrumento de auxílio na manutenção da ordem. Eles foram enviados para a América Portuguesa e se tornavam aparelhos de orientação para os padres e para a elite açucareira. Dessa forma, o imaginário adquirido através das leituras permeou essa sociedade fortalecendo o dirigismo e as representações.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ângela Mendes. ***O gosto do Pecado***: casamento e sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII. 2° ed. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

BELLINI, Lígia. **Notas sobre cultura, política e sociedade no mundo português no século XVI.** Revista Tempo. v. 4, n°7, 1999.

COELLHO, Antônio Borges. Os argonautas portugueses e o seu velo de ouro. In José Tegarrinha (org.) História **de Portugal**. São Paulo, EDUSC, 2000.

COROLEU, Alejandro. **Humanismo en España**. Madrid, Introducción al Humanismo del Renacimiento, 1998.

FERNÁNDEZ, Rafael Pardo. **Martín de Azpilcueta y su época**. Pamplona, Gobierno de Navarra, 2011.

LEITE, Serafim. **Um breve itinerário para uma biografia do padre Manuel da Nóbrega.** Brotréria, 1955.

[15] SILVA, Kalina Vanderlei. Barroco Mestiço: Sistema de Valores da Sociedade Açucareira da América Portuguesa nos séculos XVII e XVIII. *Revista de Humanidades. Vol. 7, n. 16. 2005. Caicó, UFRN.*

ISBN: 978-85-98711-10-2

MENDES, António Rosa. A vida cultural. In José Matosso (org.) **História de Portugal**: no alvorecer da modernidade. Lisboa Editorial Estampa, s/d. p. 381

NAVARRO, Martin Azpilcueta. **Manual de Confessores & Penitentes[....].**Composto por ho muito resoluto e celebrado Doutor Martin Azpilcueta Navarro. Impresso em Coimbra por João de Barreyra, 1560.

PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e de. ***Apontamentos para a Educação de Hum Menino Nobre.*** Lisboa Occidental, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734.

RAMALHO, Américo da Costa. **Para a História do Humanismo em Portugal**. Lisboa, Imprensa nacional casa da moeda. 1998.

SANTOS, Rogéria. **Humanismo em Portugal e sua influência na formação de Francisco de Holanda**. Revista tempo de conquista.

SILVA, Kalina Vanderlei **Barroco Mestiço:** Sistema de Valores da Sociedade Açucareira da América Portuguesa nos séculos XVII e XVIII**.** *Revista de Humanidades. Caicó, V. 7, n. 16. 2005.*